

TRILHAS DA IMAGINAÇÃO: COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO "EXOTISMO AMAZÔNICO" POR UMA LEITURA ECOSISTÊMICA COMUNICACIONAL

*IMAGINATION TRACKS: THE CONSTRUCTION OF "AMAZON EXOTICISM"
AN UNDERSTANDING ECOSYSTEM COMMUNICATIONAL*

Rafael de Figueiredo Lopes¹, Wilson de Souza Nogueira²

RECEBIDO EM: 10/10/2016 / APROVADO EM: 09/01/2017

DOI: 10.5902/2317175824349

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o contexto exótico e espetacular atribuído à Amazônia tendo em vista uma perspectiva metodológica ecossistêmica comunicacional, ou seja, analisando o fenômeno na articulação entre fatores históricos, humanos, socioculturais, ambientais e tecnológicos. Desse modo, expõe um mosaico de multiplicidades, procurando resgatar aspectos que contribuíram para a cristalização do imaginário sobre a região e enfocando características relativas à formação do ambiente natural, à presença humana e às suas diferentes etnias e às transformações socioculturais ocorridas ao longo do processo histórico. Percebe-se que a força de ideologias hegemônicas construíram ideias e valores que ainda se propagam no senso comum, principalmente pelos meios de comunicação. Assim, as concepções sobre a Amazônia costumam reproduzir símbolos e valores do imaginário colonizado, reforçando estereótipos e clichês culturais, além de limitar a compreensão das singularidades de uma região heterogênea.

Palavras-chave: Ecossistemas Comunicacionais; História; Amazônia, Imaginário.

1 Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Realiza pesquisas na área dos Ecossistemas Comunicacionais, a partir de investigações acerca das linguagens, representações e estéticas comunicacionais.

2 Doutor e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UFAM.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the spectacular exoticism related to Amazon. The methodological approach follows the bias of communicational ecosystems, analyzing the phenomenon on the relationship between historical factors, human, social, cultural, environmental and technological. Exposes a mosaic of multiplicities, redeeming aspects that contributed to the imagery of the crystallization of the region, focusing on characteristics of the formation of the natural environment, human presence and their different ethnic groups and social and cultural transformations of the historical process. It can be seen that the strength of hegemonic ideologies built ideas and values propagated by common sense, influenced by the media. Thus, the concepts of the Amazon usually reproduce symbols and values of the colonized imaginary, reinforcing stereotypes, cultural clichés and limited understanding of the peculiarities of the region.

Keywords: *Ecosystems Communicational; History; Amazon, Imaginary.*

1 Configurando um ecossistema comunicacional pelo Pensamento Complexo

Neste artigo, propomos uma reflexão acerca da construção do imaginário exótico e espetacularizado sobre a Amazônia, apresentando fragmentos e impressões desde a formação natural da região até inter-relações com as diferentes fases de ocupação humana e suas transformações socioculturais, políticas e econômicas (marcadas por profundas modificações em diferentes períodos).

Por se tratar de um tema amplo em torno de um objeto complexo, não buscamos uma análise focada em resultados práticos ou respostas: a intenção é exploratória, levantando questionamentos e apresentando uma possibilidade de leitura sobre a temática. Sendo assim, optamos por trazer à tona aspectos diversos, tecidos em uma contextualização relacional e com destaque para questões da Amazônia brasileira – já que seria impraticável retratar no espaço de um artigo toda a Pan-Amazônia, uma região com mais de sete milhões de quilômetros quadrados que perpassa por nove países da América do Sul.

A abordagem metodológica é guiada pelo viés dos Ecossistemas Comunicacionais (COLFERAI, 2014), a partir da perspectiva inter e transdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que propõe analisar os fenômenos pela inter-relação de elementos socioculturais, ambientais e tecnológicos (MONTEIRO; ABBUD, PEREIRA, 2012). Trata-se de uma proposta alinhada ao pensamento complexo e sistêmico, realizada a partir de quadros teóricos e pensadores que acreditam em uma reforma de ordem epistemológica e na prática do fazer científico, como Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e Fritjof Capra. Para

esses autores, é essencial compreender as inter-relações e interdependências entre os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Essa visão [do pensamento completo e sistêmico] transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais [...]. Não existe no presente momento, uma estrutura bem estabelecida, conceitual ou institucional, que acomode a formulação do novo paradigma, mas as linhas mestras de tal estrutura já estão sendo formuladas por muitos indivíduos, comunidades e organizações que estão desenvolvendo novas formas de pensamentos e que se estabelecem com novos princípios (CAPRA, 2006, p. 259).

Para Capra (2002), o maior desafio é mudar a maneira de pensar, descortinando uma nova visão da realidade. Segundo o autor, é necessário ultrapassar as noções mecanicistas e reducionistas que ainda guiam muitas teorias ancoradas no pensamento cartesiano-newtoniano.

Segundo Morin (2002), a construção do conhecimento é um processo autoeco-organizador e que está sempre em transformação, devido às dimensões sensíveis e cognitivas que organizam e desorganizam a consciência sobre o que nos rodeia, como um circuito em movimento de múltiplas relações. O autor salienta, ainda, que o pensamento complexo é ecológico, porque não separa a dimensão humana (biológica, psíquica, espiritual) da relação com seus ambientes (social, cultural, econômico, político e natural). Portanto, o sentido dialógico permite uma associação de complementaridades, concorrências e antagonismos, em constantes divergências e conciliações provisórias.

Assim, ao nos filarmos a essa concepção, propomos um arranjo teórico-metodológico em movimento (como uma espiral que tangencia autores de diferentes áreas), para a melhor aproximação com o objeto investigado, caracterizado por deslocamentos fluidos na plasticidade de suas metamorfoses espaço-temporais, como veremos a seguir.

2 Amazônia: as origens de um imaginário

Séculos antes dos navegadores europeus chegarem à região que hoje é conhecida como Amazônia, ela já era povoada; logo, não foi descoberta como costuma reforçar a visão de algumas ideologias dominantes. Na época, estima-se que havia entre dois e seis milhões de pessoas distribuídas pela região, mas alguns pesquisadores apontam a possibilidade de uma população ainda maior. Assim como outras áreas da (atual) América, essa era formada por uma complexa teia de relações e atividades. Entretanto, conforme Pizarro (2012), toda uma diversidade étnica e cultural foi ignorada e suplantada a partir da imposição etnocêntrica europeia, possuindo reflexos que permanecem até hoje e que foram traduzidos em uma visão "exótica" – ou seja, uma visão construída pelo olhar estrangeiro.

Do paraíso terrestre ao inferno verde ou do bom selvagem ao silvícola canibal, as ideias sobre a Amazônia e seus mitos se multiplicam a partir da

visão de fora. Tais concepções foram construídas por discursos hegemônicos que incorporaram elementos regionais sem contextualizá-los culturalmente e cristalizaram imagens, pensamentos e imaginários sobre essa região.

No livro *A invenção da Amazônia*, Gondim (2007) diz que a Amazônia foi concebida a partir de uma série de relatos que foram escritos inicialmente pelos primeiros colonizadores e depois pelos viajantes naturalistas, missionários religiosos e artistas. Nessa obra, a autora remonta um painel histórico do século XVI ao século XX. Conforme Gondim (2007), esses estrangeiros deixaram seus registros de entusiasmo, preconceitos e fantasias, acendendo o imaginário dos europeus que sonhavam “encontrar o paraíso e a fonte da eterna juventude” (p. 13).

Para Colombo e os navegadores que o seguiram, as expectativas e impressões sobre as Índias Orientais e a China teriam originado um imaginário fabuloso. O impacto dessa construção simbólica foi tão forte que, conforme Gondim (2007), ainda no século XVII os viajantes procuravam o desconhecido e o fantástico no “novo continente”. A autora vai ainda mais longe ao afirmar que a invenção social da Amazônia traz resquícios da mitologia grega somados às concepções bíblicas (devido ao poder da Igreja durante a Idade Média, que deixa rastros até a contemporaneidade).

Antes de nos atermos às impressões dos viajantes (e, conseqüentemente, à evolução desses relatos como um fenômeno comunicacional que será ressignificado no processo sócio-histórico), é interessante refletirmos sobre como essa imensa região foi sendo moldada geograficamente e como ela se desenvolveu culturalmente antes da chegada dos europeus. Há diferentes teorias sobre o processo migratório e de ocupação; algumas bastante divergentes. Entretanto, a hipótese desse fluxo ter ocorrido em um longo processo, iniciado entre o extremo leste do continente asiático e o extremo oeste do continente americano, é a mais difundida. Segundo Prous (2007), vestígios cerâmicos, inscrições e pinturas rupestres comprovam como é antiga a presença humana na região. Acredita-se que os primeiros grupos possam ter chegado há 20 mil anos, sendo provavelmente descendentes de grupos provenientes da Ásia que alcançaram a América pelo Estreito de Bering e foram povoando o continente americano (do norte até o sul) ao acompanharem as grandes manadas de animais – já que sobreviviam como caçadores-coletores.

Quando os primeiros grupos humanos chegaram à região, a vegetação era formada por savanas com manchas de florestas ciliares. Fósseis encontrados principalmente próximos a barrancos de rios indicam a presença de animais como o mastodonte, a preguiça-gigante, o toxodonte e o tigre-dentes-de-sabre. Há cerca de seis ou sete mil anos atrás, o planeta passou por profundas mudanças climáticas que impactaram na transformação gradual da paisagem geográfica, tornando-a mais quente e úmida, levando à expansão da floresta, como aponta Prous (2007, p. 14): “além dos vestígios culturais, os vestígios naturais informam sobre o paleoambiente: clima, vegetação, fauna e topografia, que mudaram ao longo do tempo, influenciando as coletividades humanas”.

Uma das consequências desse processo foi o aumento dos recursos de alimentação, marcando uma segunda fase na ocupação da Amazônia que é caracterizada pelo início da formação sociocultural. Essa formação passou a acontecer devido aos bandos que, há aproximadamente cinco mil anos, passaram a permanecer por mais tempo em determinadas áreas e começaram a praticar a agricultura e intensificar a fabricação de objetos cerâmicos. Com o surgimento da chamada Cultura de Floresta Tropical, os povos que habitavam a região, conforme Prous (2007), diversificaram suas práticas e constituíram-se em diferentes culturas que se desenvolveram durante vários séculos. Nesse contexto de desenvolvimento, ocorreu o encontro entre as populações nativas e os desbravadores europeus.

3 Em busca do Eldorado

Nos séculos XV e XVI, Portugal e Espanha eram grandes potências econômicas e, por meio da navegação, expandiam seus impérios. O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, criou uma divisão territorial na qual a atual Amazônia (mesmo que ainda desconhecida ou não explorada pelos europeus) estava dentro dos domínios espanhóis. Na época do Tratado, Cristóvão Colombo já havia chegado à América Central em 1492.

Considera-se oficialmente que a chegada dos europeus ao Brasil tenha ocorrido durante a expedição de Pedro Álvares Cabral em 1500, com a viagem que tinha por objetivo chegar à Índia, contornando a África, mas que acabou se desviando da rota. Não há documentação que comprove que essa mudança tenha sido intencional ou, ainda, causada por uma tempestade (como didaticamente se ensina). Os portugueses, no entanto, já eram conscientes da possibilidade da existência de grandes extensões de terra a oeste do Atlântico. Bueno (1989) aponta que há controvérsias sobre a história oficial e que muitos historiadores, como é o caso de Vicente Yáñez Pinzón, Diego de Lepe e Duarte Pacheco Pereira, sustentam teorias de que outros navegadores teriam chegado ao Brasil antes de Cabral.

O fato é que a conquista de novas terras estimulou a cobiça. Naquela época, era a partir do reconhecimento e da posse de novas terras que se afirmava o poder político e econômico de Portugal, da Espanha e de outros impérios que buscavam estender seus domínios. Assim, desenvolveu-se a terceira fase de ocupação da Amazônia – os colonizadores eram movidos pelo sonho de conquistar riquezas. Em contrapartida, os indígenas, em sua relação de harmonia com o ambiente natural, não se dispuseram a ajudar na empreitada dos brancos (com a extração das matérias-primas da floresta), o que resultou em inúmeros conflitos.

A primeira grande expedição à região foi realizada entre 1540 e 1542, comandada pelo espanhol Francisco de Orellana: primeiro explorador a percorrer todo o curso do rio Amazonas, desde sua foz no Atlântico até os Andes. Os relatos dessa viagem, que são os primeiros registros escritos sobre

a floresta amazônica e a diversidade de ambientes e culturas encontrados ao longo do maior rio do mundo, foram feitos pelo frei Gaspar de Carvajal. As percepções e os relatos do religioso, possivelmente, sejam responsáveis pelo início da construção do imaginário fantástico sobre a região, podendo interferir inclusive na referência de seu nome: Amazonas.

Segundo os relatos dessa viagem, o grupo de Orellana confrontou-se com uma tribo na qual as mulheres demonstravam coragem e habilidades de verdadeiras guerreiras, disparando flechas, dardos e zarabatanas para defender seu território. Devido a essa postura destemida, os exploradores relacionaram-nas com as guerreiras Amazonas da mitologia grega – uma construção simbólica que ainda povoava a imaginação europeia. A partir desse confronto, o lugar passou a ser chamado de *el rio de las amazonas*.

Na mitologia grega, as amazonas formavam uma nação de mulheres que excluía a participação masculina. Eram exímias guerreiras e, com o intuito de manejarem melhor o arco, cortavam um dos seios. Para perpetuarem a raça, uma vez ao ano mantinham relações sexuais com homens de uma tribo vizinha. Os meninos nascidos desses encontros eram mortos ou encaminhados aos pais. Já as meninas eram criadas pelas mães e treinadas para práticas agrícolas, caça e artes da guerra.

Na época da expedição de Orellana, já havia entre os índios da região a crença das icamiabas: tribos formadas por mulheres lideradas por uma cunhã³ virgem. Dizia-se que elas não tinham contato com homens além da necessidade de procriação. Seus bebês meninos eram sacrificados ou abandonados na natureza, enquanto as meninas se tornavam guerreiras. Essa lenda teria chegado ao conhecimento dos exploradores que, no transcurso da viagem, provavelmente, tiveram experiências que os fizeram relacionar ambas as histórias, recriando no novo mundo um mito clássico. Nos relatos, inclusive, há a descrição das icamiabas/amazonas como mulheres desnudas, altas, brancas e de cabelos compridos dispostos em tranças dobradas no topo da cabeça. A força desses relatos perpassou por quase três séculos no imaginário europeu sobre a Amazônia.

Devido ao motivo exploratório da empreitada de Orellana, a viagem está relacionada com o fortalecimento do mito do Eldorado: uma possível referência ao mito do soberano de uma suposta cidade com construções de ouro perdidas no meio da floresta. A busca por esse lugar, que jamais fora encontrado, teria sido a motivação de muitas expedições, já que os relatos indígenas aguçavam a ambição dos desbravadores. Historiadores relacionam a busca pelo Eldorado com inúmeras lendas, tais como a dos índios Chibcha, tribo que vivia próxima à atual Bogotá (Colômbia) e que, em seus rituais religiosos, tinha o costume de cobrir o corpo do rei com uma resina sobre a qual sopravam um finíssimo pó dourado, para que, então, ele se banhasse em uma lagoa como oferenda ao seu deus.

³ Na região amazônica, cunhã significa mulher jovem.

A expedição de Orellana não foi a primeira nas terras que hoje integram a Amazônia, conforme ressaltam Bolle, Castro e Vejmelka (2010). Porém, foi a mais expressiva das incursões espanholas e forjou no imaginário coletivo o que os autores chamam de "região universal e teatro do mundo". Nessa viagem, pela primeira vez, o grande rio foi percorrido em toda a sua extensão e sua intrincada geografia: uma experiência completamente diferente do que os europeus estavam acostumados, com situações que variavam desde a cooperação até o conflito armado, devido à diversidade de povos que encontraram ao longo do caminho. Somado a isso, ainda, havia a ambição pelas infundáveis promessas de riqueza (BOLLE; CASTRO; VEJMEKKA, 2010).

4 Colonialismo canibal: o "civilizado devora o silvícola"

No século XVI, a região amazônica pertencia à Espanha, mas logo Portugal começou a impor estratégias para controlá-la devido aos avanços das invasões de ingleses, franceses e holandeses. Foi assim que, em 1616, na foz do rio Amazonas, foi fundado o Forte do Presépio para proteger a região de invasões estrangeiras, dando origem à cidade de Belém. Nessa época, os portugueses estavam interessados em ampliar seus domínios em direção ao oeste, explorando as riquezas vegetais, minerais e animais da floresta.

A partir de 1637, uma grande expedição comandada pelo português Pedro Teixeira, composta de mais de duas mil pessoas, avançou pelo rio estabelecendo núcleos de povoamento, explorando a mão de obra indígena e extraindo produtos da floresta que eram comercializados a altos preços no mercado europeu – como castanha, cacau, tabaco, peles de animais e outros que ficaram conhecidos como drogas do sertão. As dificuldades dos europeus em desbravar o ambiente natural da Amazônia (com condições climáticas adversas e uma fauna e flora diferentes das que estavam acostumados) criavam a ideia de uma região indomável e selvagem. Tal região foi classificada pelo imaginário do colonizador como o "inferno verde", reforçando ainda mais a visão do discurso do dominador, que é uma elaboração parcial de uma realidade bem mais complexa.

O processo de colonização que subjugou ou exterminou culturas indígenas no atual Brasil também ocorreu em outras regiões do "novo continente", com a mutilação de povos, de seu patrimônio material e de sua memória. Sociedades que vinham sendo consolidadas há séculos – como os Astecas, Maias e Incas – foram sendo dominadas e perdendo suas identidades. Em menos de dois séculos de exploração europeia, a região amazônica, formada anteriormente por uma multiplicidade cultural, passou a servir exclusivamente aos interesses da coroa portuguesa. Seus habitantes nativos foram escravizados ou forçados a assumir uma nova configuração dentro de um processo que reduziu maciçamente a população indígena.

Dentre as imposições do colonizador, vieram as missões religiosas,

principalmente dos jesuítas (expulsos em 1759 ao serem acusados de tentar criar um estado próprio no reino de Portugal) e dos franciscanos. Essas missões tinham como intuito converter os índios à fé cristã e utilizar sua força de trabalho. Além disso, os brancos também disseminaram doenças entre os povos nativos, como a gripe, o sarampo e a tuberculose. Essas enfermidades, até então desconhecidas, fizeram sucumbir aldeias inteiras sem que “nenhuma pajelança”⁴ fosse capaz de reverter a situação.

O Tratado de Madri, em 1750, determinou oficialmente os domínios territoriais entre as colônias de Portugal e Espanha, visto que na prática ambas as cortes nunca cumpriram com o que havia sido firmado em Tordesilhas. Há de se ressaltar que, nessa época, os mapas eram bastante imprecisos, o que dificultava avaliar a real extensão das terras. Além do critério do direito de posse (e do fato de que os povoados portugueses já estavam estabelecidos em muitas regiões), os mapas que serviram de base para o Tratado, encomendados por Portugal, propositadamente, apresentavam distorções no traçado de rios, favorecendo, assim, a corte de Dom João V e praticamente estabelecendo o contorno geográfico das fronteiras do Brasil atual.

Após o Tratado de Madri, foi criada a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão pelo Marquês de Pombal, em 1755, com o objetivo de tirar o atraso de Portugal em relação a outras potências europeias. Para isso, ampliariam o comércio com a Europa a partir das mercadorias produzidas na região amazônica, tais como cacau, canela, cravo, algodão e arroz, dando início a uma nova fase no desenvolvimento da região. Essa segunda metade do século XVIII também foi marcada pela chegada dos primeiros escravos africanos na região do baixo Amazonas, que se concentraram entre o Pará e o Amapá. Como os índios não se adaptavam ao trabalho pesado (além de serem facilmente afetados por doenças), os negros supriram a demanda de mão de obra – sobretudo, na construção civil, nas plantações de cacau e nas demais atividades agrícolas e de extrativismo. Muitos deles conseguiram fugir e, assim, formaram os primeiros quilombos. Nessa época, a miscigenação entre raças era estimulada para aumentar o povoamento na região, fazendo florescer o que se convencionou chamar de população cabocla.

Conforme Benchimol (2009, p. 73), no período da colonização, os valores e símbolos culturais europeus foram transplantados para a Amazônia, fazendo com que a sociedade amazônica se aculturasse “por via de submissão, acomodação, assimilação ou conflito, sobrepondo-os ou integrando-os à própria cultura original”. Porém, os conquistadores também precisaram se adaptar à região, caracterizando o início de uma mestiçagem cultural.

⁴ Ritual indígena realizado pelo pajé da tribo com finalidade mística ou de cura.

5 Da ascensão à queda do "ouro branco" no "inferno verde"

No século XIX, quando o Brasil se tornou independente de Portugal, a região amazônica passou por grandes transformações políticas e sociais. Entre 1835 e 1840, por exemplo, aconteceu a Cabanagem, revolta popular e social que teve origem no atual estado do Pará e foi disseminada pela região. Foi uma revolta que, por interesses diferentes, congregou índios, mestiços, caboclos (que sobreviviam na penúria) e a elite econômica (comerciantes e fazendeiros) na luta contra a exploração do governo regencial.

Calcula-se que durante o conflito a província do Grão-Pará tenha perdido cerca de 40% da sua população, sem que os cabanos tenham alcançado seus objetivos. A decadência foi acentuada na região e só começou a mudar a partir da criação da província do Amazonas, que, em 1850, foi desmembrada do Grão-Pará. Foi também nessa época que surgiram os primeiros movimentos de valorização industrial da borracha extraída da seringueira – já utilizada pelos índios na fabricação de objetos como botas e recipientes.

Entre 1870 e 1900, aproximadamente 300 mil nordestinos migraram para trabalharem nos seringais juntamente com os indígenas, pois, devido à Revolução Industrial, as fábricas (principalmente a indústria de pneus) importavam matéria-prima em grande quantidade. Esses migrantes, motivados pela pobreza e pelas constantes secas no nordeste, acabaram tendo de se adaptar a uma realidade tão dura quanto aquela em que viviam anteriormente, porém com uma rotina diferente. Foi preciso avançar selva adentro e realizar um trabalho pesado na extração da seiva da seringueira, na defumação, no processamento do látex e no transporte do material até as margens dos rios (de onde eram levados ao comércio nas cidades e posteriormente embarcados em navios para a Europa e América do Norte). Diante desse contexto, a ideia do "inferno verde" voltou a fazer parte do imaginário sobre a região.

Os seringueiros (trabalhadores dos seringais) e suas famílias, que também atuavam na produção da borracha, eram explorados ao extremo e sobreviviam de forma rudimentar (praticamente presos em um perverso sistema de aviamento). Eram impedidos de conquistar sua independência financeira, enquanto os seringalistas (exploradores dos seringais) e comerciantes usufruíam da riqueza proporcionada pela atividade.

Cidades como Belém e Manaus desenvolveram-se rapidamente e ganharam ares cosmopolitas com a vinda de estrangeiros (sírio-libaneses, ingleses, italianos e franceses) interessados em formar atividades comerciais e de exportação. As capitais importaram hábitos e costumes da moda, passando a usufruir de requintes que contrastavam com a realidade brasileira, como luz elétrica, sistema de água encanada, rede de esgoto e bonde elétrico. Prédios e palacetes suntuosos foram erguidos, como o imponente Teatro Amazonas, em Manaus, inaugurado em 1896, em uma época em que a borracha era responsável por quase metade das exportações brasileiras.

O declínio desse ciclo (que durou cerca de três décadas) ocorreu com o fim do monopólio brasileiro na produção da borracha, devido à implantação de seringais na Ásia (mais produtivos que os brasileiros), o que proporcionou comercializar a borracha com preços mais competitivos no mercado internacional. Essa mudança teve como pano de fundo um dos casos mais famosos sobre biopirataria, uma vez que os seringais constituídos na Malásia, em Sri Lanka e na Indonésia tiveram origem em sementes de seringueiras contrabandeadas da Amazônia.

O declínio da atividade fez com que muitos seringueiros voltassem para o nordeste, o que levou a um despovoamento significativo na região amazônica entre as décadas de 1920 e 1930. Na década seguinte, com a Segunda Guerra Mundial, os países aliados contra a Alemanha não tinham acesso à borracha asiática devido ao controle japonês e precisaram recorrer à Amazônia para não comprometer a indústria bélica, como evidencia Martinello (1988).

Nesse período, ocorreu uma segunda migração em massa de nordestinos para o norte: eram os chamados “soldados da borracha”. Quem estava em idade militar, ou lutava na guerra ou ia trabalhar nos seringais, era convocado pelo governo do presidente Getúlio Vargas, que tinha o apoio dos Estados Unidos por meio de grandes investimentos para a retomada da produção de borracha na Amazônia.

O discurso para atrair trabalhadores de todo o país para a Amazônia ganhou força recorrendo às ideias de paraíso da fartura e fortuna, quase em uma alusão ao antigo mito do Eldorado. No entanto, na prática, a marcha para o oeste não trouxe riqueza para os trabalhadores, que mais uma vez se viram presos a uma cadeia de exploração econômica injusta. Quando a guerra chegou ao fim, os norte-americanos desistiram de levar adiante os investimentos na região devido à baixa produtividade. Assim, cerca de 30 mil seringueiros morreram vítimas de doenças e abandonados pelo governo brasileiro.

6 Amazônia fragmentada: os reflexos da ditadura

Na década de 1960, a ditadura militar pretendia integrar a Amazônia ao resto do país: pregava-se a unificação nacional e a proteção da floresta contra a “internacionalização”. Os militares realizaram obras em infraestrutura para a ocupação da região e a construção de estradas, sendo a principal delas a Transamazônica, rodovia que liga Cabedelo (Paraíba) à Lábrea (Amazonas).

A política do “integrar para não entregar” propunha um novo modelo de ocupação com projetos mineradores, madeireiros e agropecuários, além da criação de polos de desenvolvimento espalhados pela Amazônia (como foi o caso da implantação do polo tecnológico e industrial da Zona Franca de Manaus). Entretanto, diante da constatação de inúmeros problemas sociais, econômicos e ambientais, as consequências dessas iniciativas não se traduziram em um progresso totalmente “sustentável” para o norte do país.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 1970 para 2000 (último censo realizado na região), a população da Amazônia Legal passou de sete milhões para 21 de habitantes, o que indica que triplicou nesse período de 30 anos, sendo obrigada a adaptar-se a um crescimento desordenado. Em 2009, a área desmatada atingiu a marca dos 70 milhões de hectares. Segundo ambientalistas, a principal causa desse aumento é o avanço da pecuária extensiva, que derruba a floresta para formar pastagens. Essa questão também tem relação com a exploração ilegal de madeira, a grilagem de terras e os projetos de assentamento que não cumpriram sua função social.

O combate ao tráfico de drogas, animais, plantas e minérios não se mostrou eficaz em virtude da imensa extensão territorial a ser vigiada. A degradação ambiental e a poluição gerada pelas atividades do garimpo ainda deixam marcas em muitas áreas. As tensões sociais também se agravaram com a disputa por terras e com a criação de obras polêmicas, como é o caso da construção de hidrelétricas. Também são agravantes a violência e a criminalidade nas cidades e comunidades do interior, com casos de repercussão internacional (como exemplo, podemos citar o assassinato do líder sindical Chico Mendes, em 1988, e da missionária norte-americana Dorothy Stang, em 2005; e o conflito conhecido por massacre dos Carajás, em 1996).

Tudo isso indica que a Amazônia está sofrendo um grande processo de mudança e transformação. Mudança, tanto no sentido econômico, pela ampliação e surgimento de novas atividades produtivas, como no campo cultural, pela absorção de novos grupos humanos que para aqui se deslocaram. Só uma coisa permanece constante: a extraordinária capacidade que a sociedade amazônica demonstra em acolher, absorver, assimilar e integrar povos e culturas diferentes. E, sobretudo, nesse contínuo processo de adaptação, de renovar-se a si mesma, influenciando e se deixando influenciar, sem perder o seu caráter e a sua identidade brasileira e tropical (BENCHIMOL, 2009, p. 487).

O resultado de um processo de ocupação tão incomum só poderia ser uma complexa diversidade social e cultural, inserida em um dos ambientes naturais de maior interesse mundial. É devido a isso que hoje se fala que o desafio para o desenvolvimento sustentável da Amazônia passa pela compreensão do seu processo histórico.

7 Um estigma insuperável?

Segundo Soranz (2012), o processo histórico moldou a ideia de uma Amazônia caracterizada pelo exotismo e pela espetacularização. Os meios de comunicação reproduzem tais concepções por meio de livros, filmes, telenovelas e telejornalismo, conformando, assim, uma "Amazônia Midiática". Conforme o autor, a região costuma ser restringida à exuberância de sua paisagem e aos aspectos folclóricos, enquanto as populações são inferiorizadas ou quase não têm destaque. Além disso,

o maniqueísmo – representado entre o homem branco “civilizado” e o homem indígena “selvagem” – cria uma atmosfera de eterno conflito racial.

Paes Loureiro (2015), ao refletir sobre o discurso etnocêntrico propagado pelos meios de comunicação, considera que a imagem sobre a Amazônia se disseminou, principalmente, por abordagens temáticas sensacionalistas voltadas a representar aberrações (de tribos canibais até monstros pré-históricos) e o ambiente natural (do paraíso na terra, cheio de riquezas e farturas ao inferno verde com sua natureza hostil e perigosa). Essas temáticas exploram imagens mirabolantes da selva e dos rios e inserem nesse espaço ideias fantásticas de civilizações perdidas, piranhas e anacondas assassinas, índios canibais e outras possibilidades que apelam a fortes emoções. Entretanto, o autor também pondera que, ao mesmo tempo que um imaginário estigmatizante foi cristalizado a partir do “olhar estrangeiro”, há o imaginário constituído pelos “olhares de dentro”, que são carregados de uma poética inspirada pelo próprio ritmo e pelas possibilidades da natureza e de suas relações com o homem – isto é, o mítico está em comunhão com a vivência cotidiana (seja das etnias indígenas, das comunidades caboclas ou ribeirinhas, das cidades ou das influências culturais dos migrantes em diferentes períodos históricos), mas não corresponde ao que a visão de fora lhe atribui. Paes Loureiro acredita que a poética do imaginário amazônico apresenta modos de vida e culturas singulares e estaria em uma zona entre o real e o surreal, à qual chama de *sfumato*: “sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase que absorvido pelo tempo, assumindo uma leveza que compensa as duras fainas e jornadas na floresta ou nos rios” (2015, p. 79).

Para Costa (2000), o apelo ao fantástico, ao exótico e à exuberância natural é o que mais chama a atenção quando o assunto é a Amazônia retratada pelo cinema (um dos maiores produtores de imaginários). Segundo a pesquisadora, essa tendência está ligada a questões muito complexas que começam nas estruturas antropológicas do imaginário e vão até a influência da indústria cultural, que se apoia em características da cultura regional, mas as deslocam de seu contexto (pois, em geral, são elaboradas por discursos genéricos e externos, ou seja, por um olhar de quem é de fora). Gonçalves (2010, p. 21) chega a afirmar que “as imagens construídas pelo estrangeiro ou mesmo o brasileiro não egresso das populações periféricas da Amazônia estão permeadas por concepções alienígenas”. Segundo o autor, essa visão se preocupa mais com a exuberância da fauna e da flora em detrimento da presença do homem nativo e de suas subjetividades.

Segundo Amancio (2000), na visão estrangeira, o Brasil sempre foi um símbolo do exotismo pela sua grande extensão territorial, com diferentes paisagens geográficas e uma ampla diversidade cultural. Para o cinema, esses elementos são propulsores para o sucesso. Conforme o autor, nesse contexto, a Amazônia transita entre o real e o simbólico, tendo um papel de manutenção de uma mitologia baseada no maravilhoso e contemplando, dessa

forma, "um repertório onde cabem também caçadores de cabeça, expedições paleontológicas, ataques de piranhas e de jacarés, areias movediças, exploração de minérios, ouro e diamantes" (AMANCIO, 2000, p. 89).

Araújo (2000) considera que os clichês são como "fórmulas" aplicadas a rotinas, situações, expressões linguísticas, objetos, símbolos e outras possibilidades comunicativas que produzem concepções e comportamentos estereotipados. Esses padrões também são refletidos por Arendt (1995, p. 6), ao considerar que os clichês resultam da superficialidade e da falta de reflexão, sendo uma espécie de autodefesa, uma vez que a "[...] adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência". Essa reflexão indica que a manutenção de ideias, símbolos e paradigmas está associada à comodidade de uma suposta segurança, contrapondo-se ao risco dos imprevisíveis efeitos da originalidade e da ousadia.

Cunha (1999) menciona que o imaginário sobre a Amazônia e seus povos normalmente não tem como referência o real, mas o modelo construído pela literatura romântica e marcadamente idealizado – como atestam os inúmeros "guaranis", "ubirajaras" e "iracemas" –, reproduzindo e propagando, assim, o olhar estigmatizado do processo histórico. Silva (2006, p. 7) entende que "todo o imaginário é real e que todo o real é imaginário, que o ser humano só existe no imaginário". Ou seja, o autor considera que o imaginário faz parte do real ou da realidade, já que é construído no processo sociocultural por subjetividades complexas do ser humano, pois a vida que vivemos também é a vida que permite a nossa imaginação. Nesse sentido, a conceituação de imaginário não pode se esgotar em um rótulo, devido à complexa trama de inter-relações e interdependências em sua construção, configurada tanto por conexões racionais quanto por impulsos subjetivos.

De acordo com Silva (2006), além do ambiente social, a construção do imaginário é influenciada por "tecnologias" que "seduzem" (tais como livros, teatro, música e internet), recursos que trabalham na formação das nossas concepções e acrescentam camadas de significados a ponto de cristalizar uma ideia (mesmo sujeita ao processo de mudança). Segundo o autor, o concreto é impulsionado por forças imaginárias (nas relações que fazemos por redes que codificam e relacionam símbolos às práticas sociais), que implicam uma "mitologização do cotidiano" que não é baseada no falso, mas em impressões reais, sentimentos e lembranças que acionam laços do sujeito social e produzem o simbólico. Conforme Silva (2006), para compreender como um imaginário foi sendo construído, é necessário um exercício arqueológico de "tirar as camadas" que foram se sobrepondo.

Sendo assim, ao propormos a reflexão sobre o imaginário em torno da Amazônia, voltamos ao passado, para compreender como o processo histórico influenciou a sedimentação de ideologias e como a arte, ainda hoje,

capta e reproduz tais concepções. Podemos perceber que a imagem exótica, estereotipada e espetacularizada, que estampa o imaginário acerca da região, foi construída desde os relatos dos colonizadores, passando pela literatura, pela pintura, pela fotografia, pelo cinema, pela TV, pela internet etc. Essa imagem continua propagando discursos colonizados, apoiados em clichês culturais e estereótipos, que criam falsas impressões e limitam a compreensão sobre a diversidade ambiental, cultural, étnica, social e econômica da região. Nesse sentido, existe uma emergência de outros olhares sobre a Amazônia, valorizando as vozes e representações que estão inseridas no seu contexto real, a fim de ampliar as percepções sobre suas multiplicidades e singularidades.

8 Considerações finais

Quanto mais peculiaridades descortinamos sobre a Amazônia, mais temos certeza de que é impossível compreendê-la ou caracterizá-la de forma simplificada e objetiva. Talvez, por isso, na impossibilidade de abarcá-la, muitas de nossas aproximações acerca desse universo complexo se originaram carregadas de fantasias e assim continuam. Afinal, elas fazem parte do real, já que também nos realizamos pela imaginação e pelo simbólico. Concluir se isso é bom ou ruim talvez não seja o mais importante diante das oportunidades que se abrem para discutirmos sobre construções narrativas fascinantes.

Logo, quando pensamos nos diferentes imaginários sobre a Amazônia e em suas representações culturais, não podemos radicalizar na dicotomia entre concepções exóticas ou elaborações endógenas, pois seria como eliminar a matização e a polifonia de influências que transpassam por esses dois extremos e que podem ser complementares, concorrentes e antagônicas. Por isso, ao longo de nossa exposição, optamos por apontar possíveis pistas que tenham contribuído para a construção e disseminação de imaginários, considerando a complexidade sistêmica e informacional de fenômenos comunicacionais.

Nesse sentido, este artigo pretende possibilitar uma compreensão reflexiva acerca das relações ecossistêmicas entre representações culturais da Amazônia, construídas no processo histórico-social, e seus reflexos na manutenção de clichês e estereótipos, propagados, sobretudo, pelos meios de comunicação. Além disso, salientamos que tais simplificações podem prejudicar a compreensão da Amazônia como uma região complexa e multicultural, com diferentes configurações naturais, econômicas, políticas, sociais e étnicas. Contudo, ao mesmo tempo, temos consciência de que tudo isso resulta de processos culturais, econômicos e políticos e das transformações da natureza ao longo da história.

Portanto, há um ecossistema comunicacional que interconecta elementos factuais e processos de recriação dessa realidade. Nesse fluxo, existe um intrincado processo de comunicação e significação, pois, ao representar ou exprimir-se simbolicamente, o ser humano expande possibilidades sensoriais e cognitivas. Ou seja, ele ativa memórias, constrói conhecimentos, estabelece conexões simbióticas

com o meio que o cerca e derruba barreiras entre consciente e inconsciente, real e imaginário, objetividade e subjetividade. O ser humano cria sistemas que se interligam a outras redes de sistemas, gerando comunicação, percepção e relação entre aspectos socioculturais, ambientais, biológicos e tecnológicos. É um fluxo inter e intracambiante, complexo e não linear, que se transforma constantemente, mas que carrega memórias ressignificadas no tempo e no espaço.

Referências

- AMÂNCIO, Tunico. **O Brasil dos Gringos: imagens no cinema**. Niterói: Intertexto, 2000.
- ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **Ser ou Não Ser Natural: Eis a Questão dos clichês de Emoção na Tradução Audiovisual**. 2000. 271 f. Tese (Doutorado em Letras) -Universidade de São Paulo, 2000.
- ARENDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação social e cultural**. Manaus: Valer, 2009.
- BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel (orgs.). **Amazônia – Região Universal e Teatro do Mundo**. São Paulo: Globo, 2010.
- BUENO, Eduardo. **A viagem do Descobrimento**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- _____. **Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- COLFERAI, Sandro. **Um jeito amazônica de ser mundo**. A Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2014.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CAPRA, Fritjof. **Teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CUNHA, Edgar. **Cinema e Imaginação**. São Paulo: USP, 1999. Gonçalves, 2010
- GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#populacao> Acesso em 16/05/2015.
- MARTINELLO, Pedro. **A "Batalha da Borracha" na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico**. Rio Branco: Ufac, 1988.
- MIGNOLO, Walter. **Cartas, crônicas e relações do descobrimento e da conquista**. Madri: Cátedra, 1982.
- MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitosa (orgs.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Edua/UFAM, 2012.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica - Uma poética do imaginário**. Manaus: Editora Valer, 2015.
- PINTO, Renan Freitas. **Viagem das idéias**. Manaus: Valer, 2006.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros – a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SORANZ, Gustavo. **Território Imaginado – Imagens da Amazônia no cinema**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2012.